

Vídeo: Camponeses em luta pela terra botam 'seguranças' para correr

Seis carros incendiados e um “segurança” ferido; criminalização dos camponeses sem terra que se defenderam de modo legítimo; inquérito policial e ampliação do latifúndio. Esse foi o resultado de um ataque de “vigilantes patrimoniais” a um grupo de pequenos agricultores despejado da Fazenda Esperança e Mutum, no distrito de Barrolândia, zona rural de Belmonte, no extremo Sul baiano.

Após uma reintegração de posse em favor da multinacional Veracel Celulose, suposta dona da fazenda, ocorrida em 27 de junho passado, algumas famílias expulsas das terras, sem ter para onde ir, acamparam na estrada perto da área reintegrada. Dias depois, em 2 de julho, o grupo camponês foi abordado pela pistolagem legalizada como empresa (GPS, com sede em São Paulo) que aproximou-se com seis carros e, de maneira truculenta, tentou expulsar os camponeses do local.

A reação da massa foi imediata. Em ato de legítima defesa, armados com paus, facões e foices, os camponeses enfrentaram os paramilitares que antes faziam intimidações e agiam com violência. O histórico de agressões por parte da GPS na fazenda da Veracel contabiliza muitos episódios de humilhação e intimidação. A GPS age frequentemente assim contra a população nos arredores do latifúndio de eucalipto na região. A Veracel, por sua vez, promove despejos sem autorização judicial e comanda a pistolagem legalizada em forma de empresa de vigilância patrimonial, com o mesmo modus operandi.

O episódio mais grave envolve a GPS ao incluir prisão e cárcere privado de quatro camponeses, humilhando-os com filmagem pelo celular, cujo vídeo foi divulgado pelos pistoleiros de forma criminosa nas redes sociais. As imagens mostram os pequenos agricultores rendidos no chão, sob ameaças e constrangidos a responder o que faziam na área, a dizer seus nomes e onde moravam.

A Veracel Celulose é uma empresa monopolista (fração compradora da grande burguesia) com participação de 50% do monopólio brasileiro Fibria, desde 2018 fundida com a Suzano, com os 50% da multinacional suecofinlandesa Stora Enso para o plantio

extensivo de eucalipto, exclusivamente para a produção e exportação de celulose. Há mais de 20 anos, a Veracel explora a atividade em terras griladas do velho Estado, que originalmente deveriam ser encaminhadas para “reforma agrária”.

O município de Belmonte não tem delegacia e o caso está sob inquérito presidido pelo delegado Moisés Damasceno, titular da 23ª Coordenadoria de Polícia do Interior (Coorpin), sediada na cidade vizinha de Eunápolis, também no Sul da Bahia. A imprensa do monopólio, a soldo da Veracel, expõe o vídeo da reação dos camponeses sem mostrar as ações e provocações dos vigilantes que a causaram.